

## DIALOGANDO COM <sup>1</sup>LIPMAN SOBRE A COMUNIDADE DE INVESTIGAÇÃO

Este diálogo será desenvolvido de maneira fictícia, e apresentará reflexões sobre a “Comunidade de Investigação filosófica” como um espaço em que a construção do pensamento de ordem superior se dá de maneira articulada e estruturada.

Edna: - Olá, como vai? Estou muito feliz em estar aqui com o senhor. A viagem até aqui, à casa de retiro foi longa, mas cheia de aventura. Nova Jersey é linda! Estar aqui na sua presença é um privilégio para mim. Sei que deve estar muito abalado com a morte da sua fiel companheira de trabalho e de ideal Ann Sharp. Eu também fiquei triste e tenho muito apreço pelas contribuições que ela nos deixou.

Lipman: - Olá, que bom que ainda deixo uma jovem tão bonita, feliz dessa forma. Apesar da idade e dessa tremedeira louca, risos... Me sinto ainda jovem! A morte da Ann me deixou saudosos... Ela era incrível! Organizada, cheia de energia e disposição e deixou para o nosso Instituto um legado importante em relação à Filosofia e a Educação.

Edna: - Espero ansiosa por este momento. Há cinco anos ouço falar no termo Comunidade de Investigação e muitas perguntas vêm me inquietando ao longo desse tempo. O que é? Como ela se estrutura? O que a faz diferente da sala de aula comum? Como acontece essa comunidade? Que pressupostos a fundamentam? Na tentativa de esclarecer algumas dessas dúvidas, vim à sua procura, mas estou trêmula, não sei por onde começar.

Lipman: - Como assim, não sabe por onde começar? Começa por aquilo que está te preocupando mais.

Edna: - Então tá! Primeiro eu gostaria de saber o que o Senhor compreende por pensamento?

Lipman: - Você já tem alguma ideia formada sobre esse conceito? Por que ele é importante pra você?

---

<sup>1</sup> Educador norte-americano, criador do Programa de Filosofia para Crianças no final da década de 60.

Edna: - Bom, eu penso que pensamentos são construções mentais, mas gostaria de compreender melhor, pois no meu trabalho final de um curso de Especialização em Filosofia, apresento “a comunidade de investigação como um espaço privilegiado para a construção do pensamento”. Porém não tenho clareza desse conceito. Como o Senhor é o idealizador da Comunidade de Investigação no programa de Filosofia para crianças, pode clarificar para mim. Como se define esse conceito dentro de sua proposta?

Lipman: - Bom, o programa de Filosofia para Crianças apresenta ferramentas para ajudar a criança a pensar melhor por meio da linguagem e do raciocínio, e o pensamento desenvolvido aqui é um pensamento excelente, sendo assim crítico, criativo e cuidadoso. A Comunidade de Investigação é um espaço de construção desse pensamento excelente, onde se aprende em conjunto, de maneira colaborativa, participativa, corretiva e autocorretiva, sendo o diálogo disciplinado pela lógica o veículo mediador de todos os processos.

Edna: - Tá! Estou entendendo, então, que a comunidade de investigação é um lugar seguro para o estudante pensar, escutar, dividir opiniões com respeito, desenvolver questões a partir das ideias de outros, desafiar a si e aos outros para fornecer razões a opiniões até então não apoiadas, auxiliar uns aos outros ao fazer inferências daquilo que foi afirmado e buscar identificar as suposições de cada um. O que me ocorre neste momento é que uma comunidade com essas características pode tranquilamente contribuir com uma sociedade mais igualitária e democrática, pois vejo que a participação e o envolvimento de todos é uma necessidade. O senhor concorda com essa minha inferência?

Lipman: - Com certeza! A Comunidade de Investigação fornece um núcleo que tanto representa quanto antecipa uma sociedade composta de comunidades participativas-uma sociedade que é uma comunidade destas comunidades, ou seja, a comunidade em sala de aula pode desempenhar um papel mediador entre família e a sociedade; entre a formação cultural ou étnica específica de cada indivíduo e da sociedade como um todo; também é um mediador entre pressões para solucionar problemas sociais através do consenso democrático, da investigação científica ou mesmo do poder econômico. Portanto, a comunidade de investigação pode ser um espaço de construção da democracia sim, desde que a capacidade de julgar e refletir sejam devidamente desenvolvidos.

Edna: - Entendo! Porém gostaria de retomar o momento da nossa conversa em que o senhor fala que o pensamento desenvolvido na comunidade de investigação é excelente, crítico, criativo, cuidadoso, como assim, o que isso significa?

Lipman: - Esses são os pilares do pensamento de ordem superior, penso até que você já falou sobre eles em seu trabalho. O pensamento que deve ser desenvolvido na Comunidade de Investigação deve ter lógica, padrões, critérios e normas que sejam estabelecidos no diálogo, na relação de internalização dos comunicados, cuidando para que os valores éticos e morais não sejam ignorados, por isso que é crítico, criativo e cuidadoso.

Edna: - Compreendo que a Comunidade de Investigação busca esse pensamento de ordem superior, que é um pensamento crítico. Como sei que estou pensando criticamente?

Lipman: - Você tem quatro pontos de apoio, a autocorreção, a sensibilidade ao contexto, os critérios e os julgamentos. Baseada nesses critérios será mais fácil avaliar comportamentos adequados a um pensamento de ordem superior. Quando você busca as razões que influenciam seus pensamentos, você precisa fazer suas inferências baseadas em critérios sólidos.

Edna: - Critérios sólidos? O que isso significa?

Lipman: - São razões especialmente adequadas para serem utilizadas nas circunstâncias em questão. O pensador crítico é aquele que é movido por razões adequadas.

Edna: - Tá, mas o que pode ser considerado um critério?

Lipman: - Fatos, princípios, valores, bases de comparação, exigências, perspectivas, padrões e incontáveis outros tipos de coisas que são orientados por megacritérios como pertinência, confiabilidade, força.

Edna: - Então, posso afirmar que a aplicação desses megacritérios e critérios são garantias de um pensar superior na Comunidade de Investigação?

Lipman: - O que afirmo é que eles podem ser utilizados como critérios de avaliação dos desempenhos, porém é necessário perceber que algumas capacidades são uma questão de competência outras de habilidades. As competências são desenvolvidas e as habilidades adquiridas. Portanto, os critérios e os padrões são aplicados tanto a um quanto a

outro, mas a garantia de que realmente está sendo desenvolvido um pensamento de ordem superior depende da intensidade com que seus três pilares estão sendo exercitados.

Edna: - Sabe, eu fico um pouco intrigada quando o senhor fala que a Comunidade de Investigação deve ajudar a pensar melhor. Como seria esse pensar melhor na sua concepção?

Lipman: - Bom, o pensar melhor requer um programa de aperfeiçoamento cognitivo com ênfase na lógica, na racionalidade, na aquisição de habilidades e na solução de problemas, e para isso é preciso o fortalecimento do julgamento na prática, através da previsão de hipóteses e conseqüências.

Edna: - Entendo que pensar melhor requer a aquisição de habilidades e fortalecimento de julgamentos para melhor solucionar os problemas, porém na discussão com meus alunos tenho dificuldades de solucionar os problemas. Você tem algumas dicas para mim?

Lipman: - Sim, sugiro oito passos para melhor solucionar os problemas. É importante ajudar seus alunos a perceber os sentimentos, sintetizar o problema, definir a meta, listar soluções por eles mesmos, antecipar as conseqüências, a escolher a melhor solução, planejar a execução da decisão e por fim testar a solução e avaliar o efeito. Penso que esses oito passos são uma excelente ferramenta para construção do pensamento na Comunidade de Investigação.

Edna: - Concordo com o Senhor que esses passos são importantes, mas qual é realmente a meta da solução de problemas e tomada de decisões na Comunidade de Investigação?

Lipman: - Ora, minha cara, para melhorar as habilidades de investigação, raciocínio, organização e tradução das crianças, pois essas são as habilidades básicas para que o pensamento seja considerado crítico, criativo e cuidadoso.

Edna: - A importância dessas habilidades cognitivas na Comunidade já estão bem claras para mim, agora quero entender como deve ser a filosofia na escola de 1ª a 4ª série, pois trabalho com esses níveis de ensino e ficarei muito grata se o Senhor puder me ajudar.

Lipman: - A filosofia na escola de 1ª a 4ª série, deve enfatizar a construção da Comunidade de investigação, onde as crianças aprendem umas com as outras, com o professor e com o texto. A filosofia deve ser jogo e diversão cognitiva; a criança precisa se envolver, gostar de discutir. Por isso, que falo que os textos devem instigar a curiosidade e a descoberta; devem refletir os valores vividos no contexto da criança, sendo um mediador entre a cultura e seus anseios. Por isso, proponho que os argumentos tradicionais da filosofia sejam organizados em forma de novelas filosóficas.

Edna: - Como assim novelas filosóficas? O que elas representam para a Comunidade de Investigação?

Lipman: - As novelas são obras fictícias, escritas de maneira simples e sem referência aos nomes e à terminologia técnica que os filósofos profissionais utilizam. Elas são uma criação humana que traz consigo as ideias de seu criador e servem de estímulo para as discussões. As crianças precisam de textos em forma de narrativas e não de enciclopédias, pois elas exercitam os sentidos e a imaginação, elas são excitantes, atraentes, sedutoras e repleta de valores, significados e ideais. Elas sugerem outros modos de vida e outras maneiras de pensar o mundo, fornecem modelos de pensamento, sentimentos e ações que servem de fomento para o pensar.

Edna: - Então, as novelas filosóficas são “o texto” que proporcionam a discussão filosófica, e apresentam um modelo de Comunidade de Investigação fictícia? Me fala um pouco como é esse modelo de Comunidade de Investigação.

Lipman: - É uma sociedade deliberativa envolvida com o pensar de ordem superior, que não são simples conversas, são diálogos logicamente disciplinados. Nessa comunidade a pessoa deve se sentir a vontade, livre para ouvir e falar; deve ser um lugar seguro, no qual a pessoa não tenha medo de se expor ou de sofrer provocações. Todos que ali estão têm objetivos comuns e refletem orientados pelo pensamento crítico, criativo e cuidadoso.

Edna: - Entendi, mas ficou uma dúvida: quer dizer que existe uma distinção entre conversação e diálogo que caracteriza e representa o pensamento da comunidade de investigação? Me fala um pouco mais sobre essa diferença.

Lipman: - Tá bom tentarei fazer um paralelo entre ambas para entende melhor. Na conversa, a ênfase é dada ao pessoal enquanto que, no diálogo comprometido com a investigação, a ênfase está sobre a lógica do pensamento comunitário; a conversar almeja o equilíbrio, uma pessoa fala depois a outra, existe reciprocidade, porém não haverá avanços, ao passo que o diálogo almeja o desequilíbrio, provocado para forçar um movimento progressivo, pois cada argumento evoca um contra-argumento, assim impulsiona a si mesmo além do outro e o outro além de si mesmo. Uma conversa se caracteriza por troca de sentimentos, pensamentos, informações, interpretações, enquanto que um diálogo é um exame, uma investigação, um questionamento.

Edna: - É como se fosse um júri?

Lipman: - Sim, o júri, é o ideal do diálogo na comunidade de Investigação, cabe a ele examinar as diferentes versões, argumentos e contra-argumentos dos advogados de cada parte e das testemunhas, através do raciocínio conjunto entre os jurados e da deliberação chegam a um veredito.

Edna: - Como seria um comportamento característico da comunidade de investigação?

Lipman: - O que se espera é que assim como num júri comprometido com a investigação na busca da verdade, as pessoas envolvidas no diálogo da Comunidade de Investigação, dialoguem, argumentem suas opiniões, apresentem e exijam razões, exemplifiquem, procurem ser coerentes com a discussão e com as ideias, estabeleçam relações com as falas dos demais participantes, façam autocorreção e procurem, coletivamente, o aprofundamento e a compreensão dos temas.

Edna: Compreendo um pouco melhor a proposta da Comunidade de Investigação com suas características, objetivos, procedimentos e implicações e me sinto bem mais segura para exercitá-la com meus alunos, tornando-a uma prática constante do meu exercício pedagógico. O foco do meu trabalho é estimular as crianças a criar novas ideias a partir daquilo que elas ouvem, vêem, lêem, sentem, observem e percebem. Apresento os textos e os contextos e juntos, questionamos, problematizamos e buscamos encontrar melhores juízos para as situações em questão.